

ARTE MEGALÍTICA NA SERRA DA ARRÁBIDA (PORTUGAL): MONUMENTOS E ESCULTURAS DE ARTE MÓVEL

*Luís Jorge Gonçalves * & Cláudia Matos Pereira ***

SUMMARY

Arrábida (Portugal) is a small limestone mountain chain, that borders with the Atlantic Ocean to the South, and has an interesting megalithic testament; this is typical both of this region and of other areas in the North and in the West. During Mesolithic, Arrábida was between the Tejo and Sado's shell-mounds: on its West and South coasts there are documented sites that were regularly visited in this period.

Megalithic spirituality has marked Arrábida since Neolithic. The own nature of Arrábida, with its impressive landscape, its geology, the orography and the ocean proximity, made this place very attractive from a spiritual point of view. However, nowadays there is little evidence of this spirituality. The Menhir from Vale da Pala is well-known, and the archaeological studies identified different remains. The burial rites of megalithic spirituality are present in the natural caves, such as the one of Lapa do Bugio and Lapa do fumo, that are the most famous, and in the artificial caves of Quinta do Anjo.

The monuments and the material culture from the funerary contexts of the natural caves, like the one of Lapa do Fumo, and from artificial caves like those of Quinta do Anjo, where the mobiliary art stands out, represent a sort of spirituality where the landscape had a primary role. In the Megalithic trend, the diachronic vision is important to understand the ideological changes that are reflected, as a consequence, in the artistic representations.

As regards Arrábida megalithic monuments, it is believed that the site in Valle della Palha is the most significant, as it presents a series of cup and ring marks. This is a recurring theme both in megalithic monuments and cave art, with a weighty chronological extension.

The interpretation is not easy, perhaps impossible, but it is possible to make rational assumptions basing on the scientific method. The society that erected this monument was composed by farmers and shepherds, that is people who lived thanks to the production of basic necessities, in particular of Earth's goods. So, a society depending upon solar and lunar cycles. This places with megalithic monuments are important for the community, because they remind the deceased ones: it is a sort of physis projection of the most important people, who are part of the collective memory.

There is a theory about the fact that the cup marks can represent the Moon or the Sun, even if it is pointed out that there are not sunrays. Every year the nature died during Winter and was reborn in Spring, following these two stars' cycles; at the same way, people believed that also the dead men would have been born like the nature.

Different experts suggested that the menhirs have an anthropomorphic aspect and they could be considered, in an extreme simplification, as human figures. In the menhir from Valle della Paglia there is a rounded top end that can remind a human head. This would suggest that this is the way to preserve the memory of the eminent deceaseds of the community, a physical projection of people worthy to be remembered.

RIASSUNTO

Arrábida (Portogallo) è una modesta catena montuosa calcarea, delimitata a Sud dall'Oceano Atlantico, con un'interessante testimonianza megalitica; tale presenza caratterizza sia di questa regione, che altre aree poste a nord e ad ovest. Sulle coste occidentale e meridionale di Arrábida, fra Tejo e del Sado, sono documentati siti detti "shell-mounds" riferibili al Mesolitico.

* Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes e Centro de Estudo e Investigação em Belas-Artes da Universidade de Lisboa; email: luisg@campus.ul.pt

** Artista Plástica, Centro de Estudo e Investigação em Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Doutorada em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; email: claudiamatosp@hotmail.com

Già dal Neolitico, il fenomeno del megalitismo ha segnato Arrábida. La natura stessa, con il suo imponente paesaggio, la sua geologia, l'orografia e la vicinanza all'oceano, fecero in modo che, in passato, il luogo fosse dotato di una forte attrattiva spirituale. Tuttavia di questa spiritualità sono rimaste poche tracce: è noto il menhir della Vale da Palha e le indagini archeologiche hanno individuato vari resti. I rituali funebri collegati alle evidenze megalitiche sono ben attestati nelle grotte naturali, di cui le più conosciute sono quella di Lapa do Bugio e Lapa do Fumo, e nelle grotte artificiali come la Quinta do Anjo.

I monumenti e la cultura materiale, provenienti dai contesti funerari delle grotte naturali, come quella di Lapa do Fumo, e da grotte artificiali come quelle di Quinta do Anjo, dove spicca l'arte mobiliare, sono manifestazioni di una spiritualità in cui il paesaggio aveva un ruolo di primo piano. Nel megalitismo la visione diacronica è importante per cercare di comprendere le mutazioni ideologiche che hanno poi un riflesso nelle manifestazioni artistiche.

Per quanto riguarda i monumenti megalitici di Arrábida, si crede che il sito della Valle della Palha sia il più significativo in quanto presenta una serie di fossette o coppelle. Questo tema è ricorrente nei monumenti megalitici e nell'arte rupestre con una estensione cronologica assai importante. L'interpretazione non è semplice, se non impossibile, ma si possono proporre delle ipotesi ragionevoli grazie a una metodologia scientifica. La società che ha eretto questo monumento è di contadini-pastori, ossia individui che vivevano grazie alla produzione di beni di prima necessità, in particolare di alimenti prodotti dalla terra. Una società, dunque, che dipendeva dai cicli solari e lunari. Questi luoghi con i monumenti megalitici sono importanti per la comunità in quanto ricordano i defunti: si tratta di una sorta di proiezione fisica dei personaggi che si sono distinti e fanno parte della memoria collettiva.

Vi è un'ipotesi che prevede che le coppelle possano corrispondere a rappresentazioni della Luna o al Sole anche se si segnala, che mancano i raggi solari. Ogni anno la natura moriva in inverno e rinascere in primavera secondo i cicli di questi due astri; nello stesso modo anche gli uomini morti sarebbero, secondo la credenza, potuti rinascere proprio come la natura. Diversi studiosi hanno suggerito come i menhir possiedano un aspetto antropomorfo e corrispondano, in un'estrema semplificazione, alla figura umana. Nel menhir della Valle della Paglia si nota anche un'estremità superiore molto arrotondata che può ricordare una testa. Tale visione suggerirebbe che si tratti della modalità per conservare la memoria del defunto illustre della comunità, una proiezione fisica dei personaggi degni di essere ricordati.

INTRODUÇÃO

O conceito de Megalitismo está associado a grandes construções em pedra, em sociedades pré-históricas, onde numa época de baixa densidade demográfica na Europa Ocidental, a construção de grandes monumentos em pedra fazia com que se reunissem gentes de amplas áreas geográficas (SCARR 2008). Trata-se de uma manifestação artística e consequentemente remete-nos para uma espiritualidade profunda desses grupos humanos que ergueram os monumentos. A espiritualidade é mesmo a grande dimensão do *Homo Sapiens*. Trata-se da indagação através do imaterial ou, seja, uma “propensão humana na busca de significado para a vida, por meio de conceitos que transcendem ao tangível, à procura de um sentido de conexão com algo maior que si próprio” (SAAD, MASIERO, BATISTELLA 2001). No Megalitismo, como em toda a arte do período pré-histórico (também, em muitos casos, em períodos históricos), sente-se a espiritualidade, mas falta-nos a narrativa de suporte que impeliu os seus construtores. Essa narrativa foi construída por memórias de gerações. Como referiu Aby Warburg, “a memória não apenas cria espaço para o pensamento como reforça os dois polos-limites da atitude psíquica: a serena contemplação e o abandono orgiástico. Ou, melhor, ela utiliza a herança indestrutível das impressões fóbicas em modo mnêmico. Em tal modo, em vez de procurar uma orientação protetora, a memória tenta acolher a força plena da personalidade passional-fóbica abalada entre

os mistérios religiosos para criar um estilo artístico” (WARBURG 1937). Aby Warburg escreveu esta frase na sua “Introdução ao Atlas Mnemosine”, aplicando-se o seu pensamento ao Megalitismo, porque o Megalitismo era a arte que fixava a memória de uma comunidade e incluindo, com certeza, “a serena contemplação e o abandono orgiástico”.

Na sua retaguarda existiu uma narrativa, que desconhecemos, foi abrangente e difundiu-se, mas ao mesmo tempo foi local e individual, porque respondeu às necessidades pessoais. Disseminou-se, como a agricultura e a tecnologia. Naturalmente havia muitas práticas rituais que nos escapam, mas a memória culminou em um estilo artístico que dominamos Megalitismo.

Este estilo artístico é, por conseguinte, mais que a manifestação visível dos monumentos, executados com grandes pedras afeiçoadas, em sociedades pré-históricas. É uma ideologia das sociedades que pressupõe práticas funerárias, onde se deve incluir os monumentos e a sua localização, todas as manifestações de arte móvel, que podem, ou não, estar em monumentos Megalíticos, sendo os casos alternativos as grutas naturais e as grutas artificiais.

O Megalitismo foi uma ideologia com grande impacto que pressupôs, muito possivelmente, em última análise, uma profunda crença numa outra vida após a morte, tal como aconteceu na sociedade egípcia, praticamente contemporânea das sociedades que na Europa eram Megalíticas. Usando um exemplo da história da arte mais recente, pode-se afirmar que o Megalitismo foi um estilo artístico, como foi o estilo Românico para a Europa medieval, sendo que neste caso conhecemos a ideologia que foi o cristianismo.

Os monumentos Megalíticos eram espaços de memória das comunidades, mas o Megalitismo é ainda caracterizado por rituais que se manifestaram em práticas perdidas. Hoje temos os monumentos, a sua distribuição geográfica, as diferentes tipologias dos monumentos, os vestígios materiais que podem estar associados. Há um imenso espaço de descoberta e de reflexão para entrar na intimidade e na espiritualidade destes grupos humanos, porque a sua arte, como referiu António Damásio, “...teve valor para a sobrevivência e porque contribuiu para o desenvolvimento do conceito de bem-estar. Ajudou a consolidar grupos sociais e a promover a organização social; apoiou a comunicação; compensou os desequilíbrios emocionais causados pelo medo, pela raiva, pelo desejo e pela mágoa; e provavelmente abriu as portas ao longo processo de conhecimento de memórias externas da vida cultural...” (DAMÁSIO 2010, p. 362).

Mas quais os grandes medos da humanidade? O cérebro é o órgão que nos torna conscientes. Os seus processos de funcionamento biológico são comuns à humanidade. Como refere David Lewis-Williams, no cérebro existe o inato (LEWIS-WILLIAMS, PEARCE 2005). Entre as características mais fortes do inato está a da sobrevivência. Na humanidade a ideia de sobrevivência é utilizada pela consciência que a projeta para além do biológico. A arte é a visibilidade dessa projeção. Com a arte (artes plásticas e artes performativas) os humanos expressam narrativas que explicam os caminhos alternativos ao fim biológico. As artes são a expressão de histórias e de memórias que têm “valor para a sobrevivência”.

As primeiras grandes manifestações artísticas, como a arte rupestre ou o Megalitismo, foram o início desse processo. Partir dessa premissa explica o grande

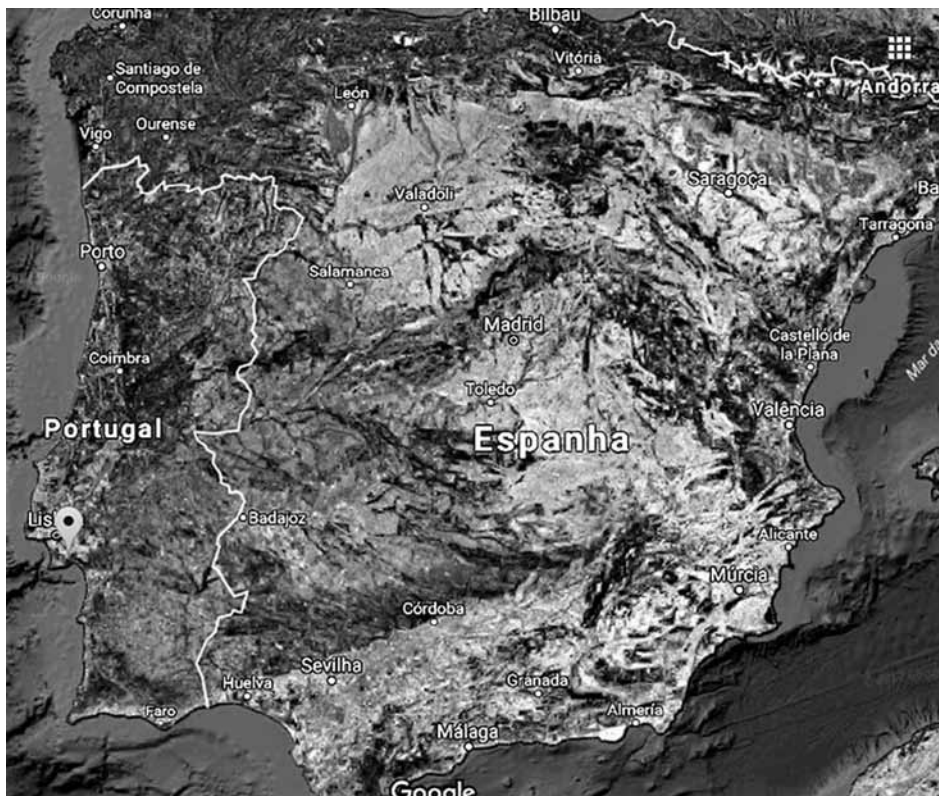


Fig. 1 - Situação da Cordilheira da Arrábida na Península Ibérica. Fonte: Google maps

investimento dos grupos humanos nas manifestações artísticas, que eram manifestações espirituais e que nas sociedades pré-históricas, nos escapam as narrativas subjacentes. No caso do Megalitismo, o nosso olhar é sobre todos os dados materiais. Nos contextos Megalíticos, do território do sul de Portugal, os espólios que os acompanham são, genericamente: artefactos da cultura material quotidiana (cerâmicas de uso diário, cerâmicas votivas, artefactos líticos e em pedra polida, como lamelas, machados, armas, ferramentas agrícolas, ou enxós), objetos de adorno pessoal e objetos do foro simbólico (caso das como placas de xisto, ídolos Almeriense, entre outros). Faltam ainda as peças de matérias perecíveis, que o tempo fez com não deixassem rasto. O defunto que levava este espólio é porque ia para uma viagem.

Monumentos Megalíticos, paisagem, habitat, cultura material e Homem formavam uma narrativa que se foi alterando com o tempo (CALADO 2004). O reflexo desse câmbio é a alteração da tipologia dos monumentos. No território Português o Megalitismo segue um paradigma transformativo que corresponde a Menires, Recintos de Menires ou Cromeleques, Antas e Monumentos de Falsa Cúpula ou *Tholo*, com cronologias entre os VI e III milénio a.C. Porque ocorreram estas transformações na tipologia dos monumentos? Mudaram as narrativas? Não te-

mos respostas, mas as diferentes tipologias refletem transformações na narrativa.

A Cordilheira da Arrábida estava inserida numa ampla região onde a presença de monumentos Megalíticos é considerável. Ao Norte, na Península de Lisboa, à Este, a cerca de 50 km, praticamente no limite da visibilidade da Arrábida, inicia-se a vasta região do Megalitismo do Alentejo que inclui Montemor-o-Novo, Évora e Reguengos de Monsaraz. Que Arte Megalítica se encontra na Arrábida?

Este conceito de Megalitismo da Arrábida não tem sido empregue. As primeiras descobertas de horizontes cronológicos enquadráveis no Megalitismo remontam às grutas artificiais da Quinta do Anjo. Foram descobertas na sequência dos trabalhos de prospeção da Comissão Geológica de Portugal e escavadas, em parte, em 1876 e 1878 por António Mendes e Agostinho José da Silva, com direção de Carlos Ribeiro. Partes do resultado das investigações foram publicadas por Émile Cartailhac, em 1886, em “Les Ages Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal”. Nesta obra, Émile Cartailhac dedicou numerosas páginas às grutas artificiais de Palmela (CARTAILHAC 1888, pp. 118-138), comparando monumentos da mesma tipologia e com materiais de outros sítios europeus, do Norte e do Mediterrâneo, mas não os incluiu no Megalitismo. Em autores posteriores, o conceito de Megalitismo também não surge referido à região da Arrábida. Já nos anos setenta, Eduardo da Cunha Serrão, para comparar o espólio da Lapa do Fumo, refere que o “mobiliário acusa a cultura megalítica alentejana” (SERRÃO 1973). Nos anos oitenta, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares usam o termo “integrável em horizonte megalítico”, para se referirem aos achados Megalíticos dos sítios da Arrábida (SILVA, SOARES 1986). Victor Gonçalves considerou não somente

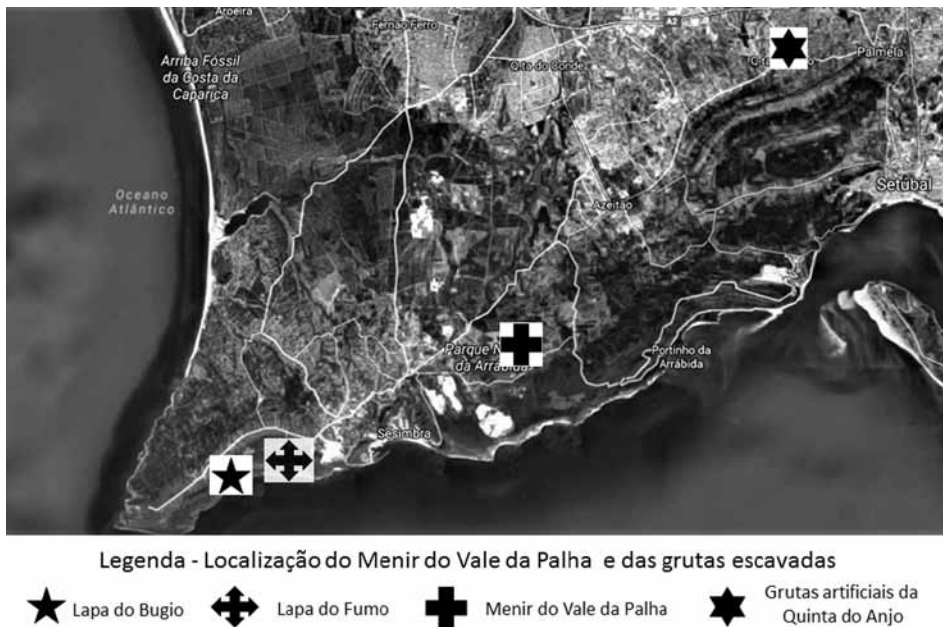


Fig. 2 - Localização do Menir do Vale da Palha e das grutas escavadas. Fonte: Google mapas

os monumentos, mas também as práticas rituais (GONÇALVES 1992; 1995). Rui Boaventura, em 2010, já considera um conceito alargado de Megalitismo e incluiu as grutas naturais e artificiais da Arrábida no seu mapa de distribuição de sítios funerários do IV e III milénios a.C. (BOAVENTURA 2010).

O Megalitismo tem que ter em conta, não só a paisagem envolvente, mas também os muitos séculos de utilização do espaço que alteraram o seu significado (SCARR 2008). O Megalitismo é sobretudo uma manifestação de arte, reflexo do espiritual que uniu os homens que ergueram os monumentos. Nesses grupos humanos houve alguém que se destacou por ter planeado, escolhido as pedras e organizado o projeto, outros executaram, transportaram e ergueram. Trata-se de uma manifestação artística coletiva. Usando as palavras de Friedrich Schiller, o artista é sempre um protagonista "... filho da sua época, mas ai dele se for também, seu discípulo ou até seu favorito" (SCHILLER 1795). Naturalmente que estes artistas eram filhos da sua época. O seu esforço coletivo tinha uma forte crença cujos contornos ainda hoje buscamos.

Na Arrábida, as populações estavam inseridas em uma espiritualidade que era necessariamente idêntica às das regiões envolventes. No entanto, suas características naturais, a própria Arrábida como um grande monumento natural, condicionaram ou apelaram à utilização de formas geológicas que a orografia e as cavidades cársicas ofereciam. Neste texto vamos centrar-nos na arte expressa nos monumentos identificados e nas esculturas de contexto Megalítico, localizadas em sítios funerários.

GEOGRAFIA E CONTEXTOS DE OCUPAÇÃO NO MESOLÍTICO, NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO

O principal impacto da Cordilheira da Arrábida é a sua adjacência ao Oceano Atlântico e a sua visibilidade na paisagem. Trata-se de uma pequena Cordilheira de montanhas situada a cerca de 40 km a sul de Lisboa (Figg. 1 e 2). Tem um alinhamento de Este para Oeste de cerca de 35 km por 6 km, sendo que a vertente Sul se estende ao longo da costa marítima. O limite ocidental corresponde ao Cabo Espichel, um vasto promontório sobre o mar, marcante na costa portuguesa. Esta Cordilheira resultou da compressão tectónica africana e europeia, a partir do Jurássico e que teve o seu máximo de expansão no Miocénico Superior (23-7 milhões de anos), sendo encontradas sequências sedimentares, essencialmente, carbonatadas (calcários e dolomitos), margosas e detritos, com idades entre o Jurássico Inferior e o Miocénico Superior (entre os 203 e 7 Milhões de anos). O seu ponto mais elevado é a Serra do Formosinho, com 499 m), mas a Serra do Risco, com 380 metros, no Píncaro, constituiu um marco símbolo nos nossos dias, por ser a maior vertente calcária sobre o mar do continente europeu (CAETANO *et al.* 2016).

No entanto, como escreveu o geógrafo português Orlando Ribeiro, "a Cadeia da Arrábida é difícil para a ocupação humana, pela natureza agreste dos seus solos" (RIBEIRO 1986). Apesar dos solos difíceis, existem vales onde as terras permitem práticas agro-pastoris. O facto de ser uma cadeia montanhosa calcária leva a que exista um extenso número de cavidades cársicas.

A Cordilheira na Arrábida, erguida entre o mar e uma região relativamente plana destaca-se na paisagem a vários quilómetros, não deixando de impressionar quem a vislumbra à distância, quer do mar, quer da terra.

Os contextos do Paleolítico Superior ainda são mal conhecidos e pouco abundantes, remetendo a locais de passagem esporádica. Em 1974, Eduardo da Cunha Serrão referiu ausência do Paleolítico bem caracterizado (SERRÃO 1974a). Trata-se de uma região onde se realizaram diferentes prospeções sistemáticas por diversas equipas. Foi ainda visitada por personalidades como Georges Zbyszewski e Henri Breuil. Apesar do imenso trabalho arqueológico e de pesquisa espeleológica, não foram ainda identificados contextos de arte rupestre deste período, ou de outro período, em uma região abundante em grutas (SERRÃO 1973, 1994; CALADO *et al.* 2009; GONÇALVES *et al.* 2016). O único artefacto artístico do Paleolítico Superior corresponde a uma escultura identificada com uma Vénus (ABREU 2016), num abrigo. Trata-se de “um estranho vazio” (CALADO *et al.* 2009).

Nos últimos anos, na sequência de prospeções arqueológicas, foi possível detetar contexto do Mesolítico final, na área costeira, à Oeste da Arrábida e no seu limite Norte. Parece aplicar-se “o modelo de litoralização do povoamento” (CALADO *et al.* 2009). Trata-se de uma região entre os concheiros do Rio Tejo e do Rio Sado e a investigação futura pode estabelecer conexões entre estas três áreas regionais dos últimos caçadores-recolectores. Nos contextos encontrados, não se identificaram vestígios de fauna malacológica, em contraste com os concheiros dos rios Tejo e Sado. Tratam-se, provavelmente, de sítios de habitat. Alguns são próximos do oceano na área ocidental da Arrábida, casos de Amieira, Rio da Prata, Ribeira da Sachola e Lagoa de Albufeira. Na vertente sul da Arrábida, junto ao mar, há notícias de um possível Concheiro na Praia de Galapos. No interior da Arrábida, há indícios, no sítio conhecido como Lagão, onde passa um pequeno ribeiro, e no sítio de São Simão, na área Este da Arrábida.

Na verdade, na região da Arrábida e sua área envolvente, não se dispõe até ao momento, de dados sobre os “sítios e os rituais funerários mesolíticos, nem, no Tejo-Sado, se conhecem, sem ambiguidade, sítios de acampamento” (CALADO *et al.* 2009). Tendo em conta que os concheiros correspondiam a sítios de enterramento, podemos estar a estabelecer uma geografia de circulação destas comunidades do Mesolítico entre os concheiros do Tejo e do Sado e região envolvente, onde se insere a Arrábida e área envolvente. No entanto, as populações Mesolíticas não estabeleceram os seus acampamentos em plena área montanhosa ou vales, mas preferiram as áreas periféricas da Arrábida, onde o acesso ao mar era mais fácil.

As primeiras comunidades agro-pastoris tiveram uma nova estratégia de ocupação na região da Arrábida. Identificam-se povoados no Neolítico Antigo/Médio em áreas de vale onde havia terrenos propícios à exploração agrícola.

Na área mais oriental da Arrábida, os exemplares identificados são os povoados da Quinta de Alcube. Outros povoados precisam ainda de novos dados, como é o caso o povoado da Quinta dos Arneiros/Portela da Sardinha, onde há a presença de um micrólito geométrico. Na área central da Arrábida, identificam-se outros povoados do Neolítico antigo, como o caso da Roça do Casal do Meio 6 e, numa área mais ocidental da Arrábida, o povoado dos Pinheirinhos. Nestes três povoados parece denotar-se a estratégia de exploração dos recursos agro-pastoris, em desfavor dos recursos marítimos, como ocorreu no Mesolítico, estando os povoados, relativamente distantes, de uma área de acesso fácil ao mar.

No que se refere ao Neolítico final/Calcolítico, na área oriental da Arrábida,

foram identificados numerosos achados avulsos. O mais significativo é o já referido núcleo de povoamento na área da Quinta dos Arneiros/Portela da Sardinha. Apresenta uma longa ocupação, entre o Neolítico antigo e o Calcolítico, dada a presença de cerâmica decorada campaniforme e de um artefacto metálico. Na vertente central da Arrábida, o povoamento foi mais escasso dado que a única exceção é “o povoado dos Ouriços (ou dos Prados) cuja efetiva dimensão permanece, no entanto, ainda por definir” (CALADO *et al.* 2009). Na Arrábida há ainda indícios da presença de habitat em outros sítios de dimensão menor que “não apresentam grandes densidades de materiais, nem, aparentemente, grande potência estratigráfica e que futuras investigações o podem comprovar” (CALADO *et al.* 2009).

No Calcolítico, observa-se que existe, na maioria dos povoados, uma continuidade de ocupação entre o Neolítico e o Calcolítico. No entanto, parece também existir uma contração do povoamento. Por outro lado, destacam-se os povoados em altura, sendo que alguns apresentam muralhas. Na área oriental da Arrábida, encontram-se os povoados do Pedrão, da Rutura, do Cabeço dos Caracóis, da Quinta dos Arneiros, do Monte do Vaqueiro, entre outros. Na área ocidental, os povoados do Outeiro Redondo e do Zambujal (CALADO *et al.* 2009).

No que se refere aos contextos funerários, estes deixaram abundantes vestígios nas cavidades cársticas, nos períodos Neolítico e Calcolítico. Foram reconhecidas inúmeras grutas, na Arrábida, em áreas descendentes para o mar. Duas dessas grutas foram objeto de escavações sistemáticas, a Lapa do Fumo e a Lapa do Bugio, revelando um considerável espólio arqueológico. Outras grutas estão identificadas sendo o seu número considerável, Lapa da Greta, Abrigo da Fazendinha, Lapa do Serrão, Abrigo Murteira 3, Lapa dos Pinheirinhos, Lapa 4 de Maio, Gruta do Sono, Lapa do Chão, Lapa dos Corvos Marinhos, complexo de grutas em torno da Lapa da Cova, entre outras, cuja escavação ainda não se realizou (CALADO *et al.* 2009; GONÇALVES *et al.* 2016). Parece haver uma maior concentração na parte ocidental da Arrábida. Como já se referiu, as escavações na Lapa do Fumo e na Lapa do Bugio, permitiram recolher um vasto espólio artístico. Está associado ao simbólico e podemos distinguir entre os artefactos funcionais com zeintervenção artística, como o caso da cerâmica, e o espólio que não é funcional, onde há uma forma e uma decoração, tendo unicamente uma carga simbólica. Trataremos somente deste último grupo.

A Lapa do Bugio (MONTEIRO, ZBYSZEWSKI, VEIGA FERREIRA 1971; CARDOSO 1992) como gruta arqueológica foi descoberta em 1960, por Rafael Monteiro. Foi escavada por Georges Zbyszewski, Veiga Ferreira e Rafael Monteiro. Está situada num mesmo contexto geográfico que a Lapa do Fumo, na vertente voltada para o mar do planalto da Azóia. Os horizontes cronológicos estão situados nos 4850±45 B.P. (laboratório Gröningem). Nesta gruta foram descobertas dez sepulturas, sendo que duas tinham dois corpos. Foi ainda descoberto um ossário, onde se encontrava a placa de xisto com a gravura antropomórfica no estilo de ídolo Almeriense e na base do ossário artefactos de pedra polida, sílex, pontas de setas de base recta, côncava e pedunculada e cerâmica, entre as quais, duas asas para suspensão. Nesta gruta foi ainda descoberta cerâmica campaniforme do tipo Palmela.

Na sua totalidade foram exumadas setenta e oito placas de xisto, entre fragmentos e exemplares completos, onde se inclui a placa já referida, um ídolo Almeriense

se clássico, de osso, uma pequena escultura de osso com dois coelhos acoplados, esculturas calcárias com representação de alcachofra e de uma pinha, ídolos do tipo “garrafa e de gola”, ídolo cilíndrico de calcário com marca facial, contas de colares e pendentes, em anfibóla, serpentina e amazonite.

Na Lapa do Fumo (SERRÃO 1971) está situada na área do planalto entre Sesimbra e o Cabo Espichel, já na encosta Sul, sobre o Oceano Atlântico. O seu interesse arqueológico começou em 1956, tendo as escavações sido iniciadas em 1964. Nesta gruta os horizontes cronológicos correspondem ao Neolítico médio, Neolítico final e Calcolítico. Foram ainda identificados materiais da Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romanos e Islâmicos.

O nível do Neolítico médio tinha cerâmicas globulares, com asas de suspensão, com incisões em folha de acácia e artefactos em sílex, e um horizonte cronológico de cerca de meados do IV milénio a.C.

No que se refere aos níveis Neolíticos e Calcolíticos, a situação foi muito reveladora das práticas funerárias das culturas que habitaram na Arrábida nesses períodos. No horizonte do Neolítico final é onde o ritual funerário foi mais complexo. Neste nível arqueológico, foi identificada uma camada com lajes de pedra, sobre as quais, estavam colocadas as ossadas de segunda deposição, acompanhadas de micrólitos trapezoidais e lâminas de sílex, colares com contas discoides de calcário e de ardósia, bicónicas e de lenhite, placas de xisto, pequenos ossos de coelho, artefactos em osso e pedra. Sobre estes elementos havia uma deposição de ocre vermelho e uso de fogo ritual. Os horizontes cronológicos apresentam datações de 3090 ± 160 a.C. (1970, laboratório do Institut für Ur und Frühgeschichte – da Universidade de Colónia, análise K.361) e 4420 ± 4 B.P. (1986 – Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial- Lisboa). O nível do Calcolítico tinha uma sepultura muito remexida, tendo cerâmica campaniforme, braçais de arqueiro e outros artefactos de sílex.

A Lapa da Furada (CARDOSO 2000; SOARES 2012) foi descoberta, do ponto de vista arqueológico, em 1957 por Rafael Monteiro, entre outros, e referida pela primeira vez por Eduardo da Cunha Serrão em 1962. A sua escavação iniciou-se em 1992. Tem uma utilização em diferentes épocas, sendo que o Calcolítico, apresenta cronologias em torno dos 2700 e 2450 anos a.C. Além do seu numeroso espólio osteológico com 130 indivíduos, 66 adultos, 32 do sexo masculino e 34 do sexo feminino e 64 crianças e adolescentes, correspondendo a uma população com “baixo nível de lesões ósseas traumáticas (comunidade com poucas situações de conflito), boa alimentação proteica (baixo número de hipoplasias ambientais dentárias), alimentação de grande dureza (acentuado desgaste dentário, definitivos e de leite), polimorfismo genético (muito baixo número de doenças congénitas), só três ossos apresentam marcas que sugerem mordedura de animais de pequeno porte” (CARDOSO, CUNHA 1995). O seu espólio não apresenta a mesma abundância que nas grutas anteriores, nomeadamente no que se refere a objetos de carácter simbólico.

Outra tipologia funerária, contemporânea das sepulturas Megalíticas, são as grutas artificiais. Na Arrábida o caso conhecido remete para as grutas artificiais da Quinta do Anjo (CARTAILHAC 1886; VASCONCELOS 1897; MARQUES DA COSTA 1907; LEISNER, ZBYSENWSKI, VEIGA FERREIRA 1961; SOARES 2003; MARTINS 2011), enquadra-

das no Calcolítico, cerca do III milénio. Foram descobertas durante os trabalhos de prospeção geológica a cargo da Comissão Geológica de Portugal. A sua escavação ocorreu em 1876 e 1878 por António Mendes e Agostinho José da Silva, sob a orientação de Carlos Ribeiro, que disponibilizou os dados a Émile Cartailhac, que em 1886 os publicou na obra “Les Ages Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal”. Dedicou largas páginas com a publicação de materiais e de plantas e cortes das grutas escavadas. No entanto, somente uma pequena parte dos dados foi publicada e em 1906 o Padre Belchior da Cruz publicou os dados de António Mendes. Em 1907 António Inácio Marques da Costa realizou uma nova escavação nos corredores das grutas 1 e 2 e publicou no “Archeologo Português”. Ao longo século XX, numerosos estudos foram realizados sobre os materiais e as características arquitetónicas dos monumentos.

As grutas artificiais da Quinta do Anjo são constituídas por quatro grutas escavadas no calcário. Apresentam câmara funerária e corredor. O seu espólio está repartido por pedra lascada (como pontas de setas e lamelas em sílex), pedra polida (como enxós), cerâmica (onde figuram os vasos campaniformes do tipo Palmela, com profusa decoração geométrica), objetos de cobre, objetos de adorno (como contas de colares), e objetos do foro simbólico (onde se destacam quatro botões de osso com perfurações em V), vários objectos em osso, vários objectos votivos em calcário, três pequenos rolos de folhas retangulares de ouro, uma pequena serpentina de ouro, quinze placas de xisto (algumas fragmentadas), ídolos em cilíndricos em calcário e insígnias em mármore branco representando clavas (MARQUES DA COSTA 1907, p. 328) e conchas perfuradas, vestígios osteológicos humanos (correspondendo a crianças, homens e mulheres, jovens e idosos) e ainda restos de animais.

MONUMENTOS MEGALÍTICOS DA ARRÁBIDA: HIPÓTESES E CERTEZAS

A Lapa do Bugio, a Lapa do Fumo e as grutas artificiais da Quinta do Anjo como se observou, proporcionaram um vasto espólio de arte móvel, com características comuns aos identificados em monumentos Megalíticos no Alentejo. Esta situação leva à questão sobre os monumentos Megalíticos na Arrábida.

O primeiro momento do Megalitismo, correspondendo aos Menires, está identificado através do menir do Vale da Palha, que se vai tratar no decorrer deste texto. A informação sobre outros monumentos deste tipo ainda é uma “lacuna interessante (...)”, conhecem-se alguns monólitos que, genericamente, poderão ser incluídos na categoria dos menires; porém, as dimensões destes e as respectivas morfologias, apontam para a possibilidade de serem restos de monumentos proto-históricos, como os que têm vindo a serem estudados no Alentejo Central” (CALADO *et al.* 2009). Nas Terras do Risco, na área do Vale da Palha foram identificados outros monólitos, que, à partida, podem também ser integrados nesse contexto crono-cultural. Ou corresponderem, alternativamente, a restos de sepulturas protomegalíticas, para além do menir do Vale da Palha, atualmente recolhido na Quinta do Calhariz (CALADO *et al.* 2009).

Sobre outras estruturas Megalíticas funerárias há informações que remetem para a sua existência entre Sesimbra, e o Cabo Espichel, cujos “aspectos morfológi-

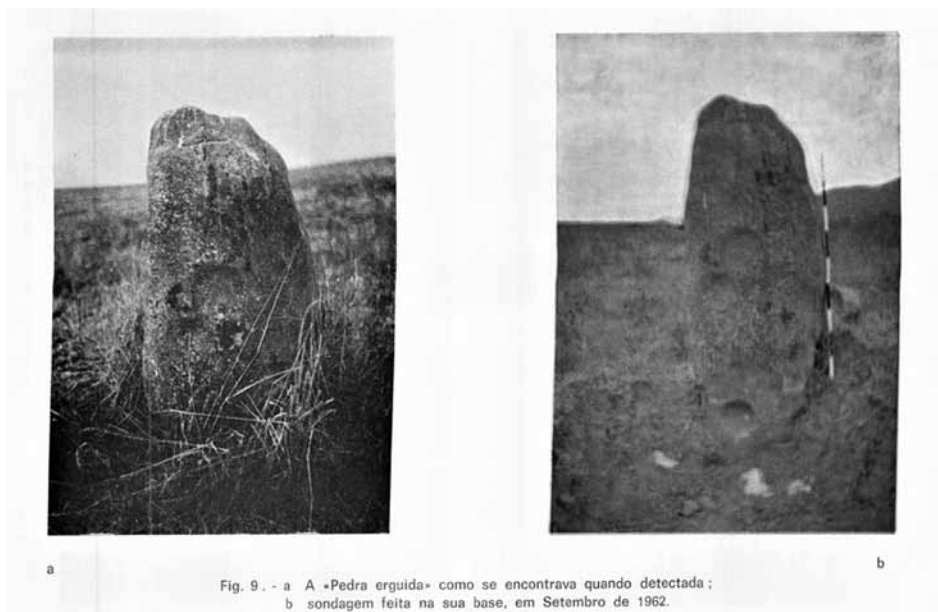


Fig. 9. - a A «Pedra erguida» como se encontrava quando detectada;
b sondagem feita na sua base, em Setembro de 1962.

Fig. 3 - Menir do Vale da Palha no momento da sua escavação em 1962. Fonte: SERRÃO E. C. 1974 A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz), in *Estudos Arqueológicos I*, 1968-1971. Lisboa, Junta Distrital de Setúbal, pp. 129-153

cos desconhecemos totalmente” mas “é razoável aceitar que se trate de estruturas dolménicas como as que conhecemos na Península de Lisboa” (CALADO *et al.* 2009).

Em 1939, Hernâni Barros Bernardo, autor da Monografia de Sesimbra, de 1941, assinalou, o que refere como uma anta, na Serra da Azóia, próxima do Cabo Espichel, cuja localização, num pequeno esboço, foi publicada posteriormente por Eduardo da Cunha Serrão. Refere ainda numa carta de 1968, uma descrição da referida anta. Segundo Hernâni Barros Bernardo, a anta estava no cimo dum morro meio desmantelada e encontrava-se “parcialmente tapado por terras e ervas altas, tendo a descoberto, livres, dois grandes esteios, algo inclinados, e um pedaço do possível tecto. O aspecto era de uma anta simples, análogo a muitas outras que eu tinha visto, semi-soterradas, noutros pontos do país” (SERRÃO 1974c). Nos trabalhos de prospeção, ocorridos entre 2007 e 2009, na Azóia, não foi possível localizar a referida anta, talvez escondida por uma das numerosas moitas de mato muito denso. A sua morfologia é totalmente desconhecida (CALADO *et al.* 2009).

Outro, possível, monumento Megalítico é a Roça do Casal do Meio. Este monumento é conhecido pelas deposições de dois indivíduos do sexo masculino na Idade do Bronze (SPINDLER, VEIGA FERREIRA 1973; SPINDLER, CASTELO BRANCO, BARROS, ZBYSENWSKI, VEIGA FERREIRA 1973-1974; CALADO 1993; HARRISON 2007). No entanto, Richard Harrison colocou a hipótese do monumento ter sido reaproveitado na Idade do Bronze, a partir de um monumento de falsa cúpula, ou *tholos*, de uma fase anterior, correspondendo ao Neolítico Final/Calcolítico (HARRISON 2007). O monumento dessa fase foi limpo, na Idade do Bronze, e submetido a uma nova

utilização. A sua planta circular não é característica da Idade do Bronze, o que tem levantado diversas especulações (HARRISON 2007).

Perante os dados conhecidos, temos uma leitura que permite estabelecer uma distribuição que “sugere um gradiente Oeste-Leste, em que se passa das grutas naturais para as artificiais e, destas, para as antas” (CALADO *et al.* 2009).

MENIR DO VALE DA PALHA

O Menir do Vale da Palha está situado na Arrábida, no município de Sesimbra, na Quinta de Calhariz. Foi escavado em Setembro de 1962 (Fig. 3), por Eduardo da Cunha Serrão. Realizou a publicação dos resultados em 1973 e 1974 (SERRÃO 1973; SERRÃO 1974b). Entretanto, foi retirado do seu contexto inicial e voltou a ser referido pelo mesmo autor, em 1986, onde alude à sua nova localização e que foi incluído “em várias relações de menires portugueses posteriores a 1974” por Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes (SERRÃO 1986). Este último autor publicou o menir do Vale da Palha, em 1979, num mapa com a lista dos menires portugueses, com o número dezasseis (GOMES 1979). Voltou a ser mencionado na obra póstuma de Eduardo da Cunha Serrão, de 1994, *Carta arqueológica do Concelho de Sesimbra (do Vilafranquiano Médio até 1200 d. C.)* (SERRÃO 1994). Em 2008 foi de novo relocado pela equipa que realizava a carta arqueológica, sendo referido em 2009 na Nova Carta Arqueológica de Sesimbra (CALADO *et al.* 2009).

Na sua primeira publicação, Eduardo da Cunha Serrão, designou o menir de “Pedra Erguida” do Vale da Palha e colocou algumas questões sobre este mo-

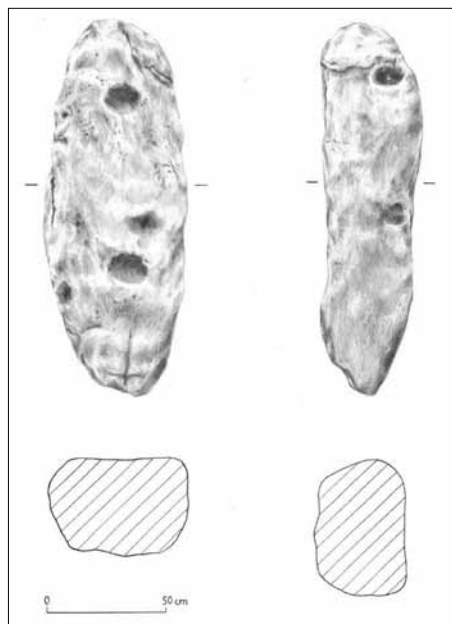


Fig. 4 - Menir do Vale da Palha. Desenho de Cláudia Matoos, 2017. Vistas: frente e lateral. A escala representa 50 cm

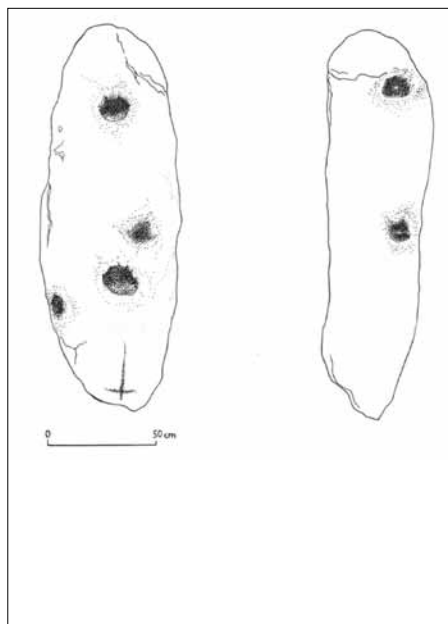


Fig. 5 - Menir do Vale da Palha. Desenho esquemático de Cláudia Matoos, 2017. Vistas: frente e lateral. A escala representa 50 cm



Fig. 6 - Hipótese livre de implantação do Menir no Vale da Palha, onde se observa a Serra do Formosinho, com 499 m de altitude. Desenho de Cláudia Matoos, 2017

numento, como o significado dos sinais nele insculpidos, a possível relação com uma necrópole romana do século IV d.C., que estava a 108 m, e ainda a relação com os outros blocos de grés nas proximidades, a cronologia das insculturas e da colocação do menir na necrópole (SERRÃO 1974b, pp. 37-42).

Na escavação realizada, em Setembro de 1962, foram identificadas cerâmicas de período histórico. Para Eduardo da Cunha Serrão o facto de o menir se encontrar muito perto de uma necrópole romana levou à seguinte interpretação: “1.º - No local onde se encontra erguida, a pedra teria sido objecto, inicialmente, de cultos litótricos ou com qualquer simbolismo arcaico; 2.º - Mais tarde, a pedra erguida teria sido cristianizada com uma cruz insculpida e colocada no cemitério para marcar existência, ali, de um campo de mortos” (SERRÃO 1974b, p. 102).

O menir encontra-se numa área da Arrábida conhecida como Vale da Palha, inserida na propriedade da Quinta de Calhariz, ficando a cerca de 1200 metros do Palácio de Calhariz. É um terreno com uma ligeira inclinação, mas onde se pode observar as serras envolventes do Fojo, a Este, e do Risco, a Sul.

O menir do Vale da Palha (Figg. 4 e 5) foi afeiçoado a partir de um bloco de grés com cimento natural, tem uma forma cilíndrica, com 162 cm de comprimento, por 59 cm de largura, no ponto mais largo, e 41,5 cm no ponto mais espesso em vista lateral. A maioria da superfície posterior está mais plana. Quando foi descoberto estava à superfície 120 cm e os restantes 40 cm encontravam-se abaixo do solo.

O menir apresenta várias gravuras sob a forma de fossetes ou covinhas e uma cruz. No momento da sua descoberta, a face principal (com a cruz e os principais fossetes, ou covinhas) estava direcionada para poente, sendo que a cruz estava gravada no topo superior. Os fossetes ou covinhas estavam na parte inferior no momento da descoberta, sendo que as principais se encontravam no subsolo. Na lateral direita também existem dois fossetes ou covinhas, uma das quais estava, igualmente, no subsolo no momento da descoberta. Os fossetes ou covinhas têm entre 10 e 17 cm de diâmetro, sendo que a mais profunda estava abaixo do nível do solo quando o menir foi descoberto (SERRÃO 1974b, pp. 37-42).

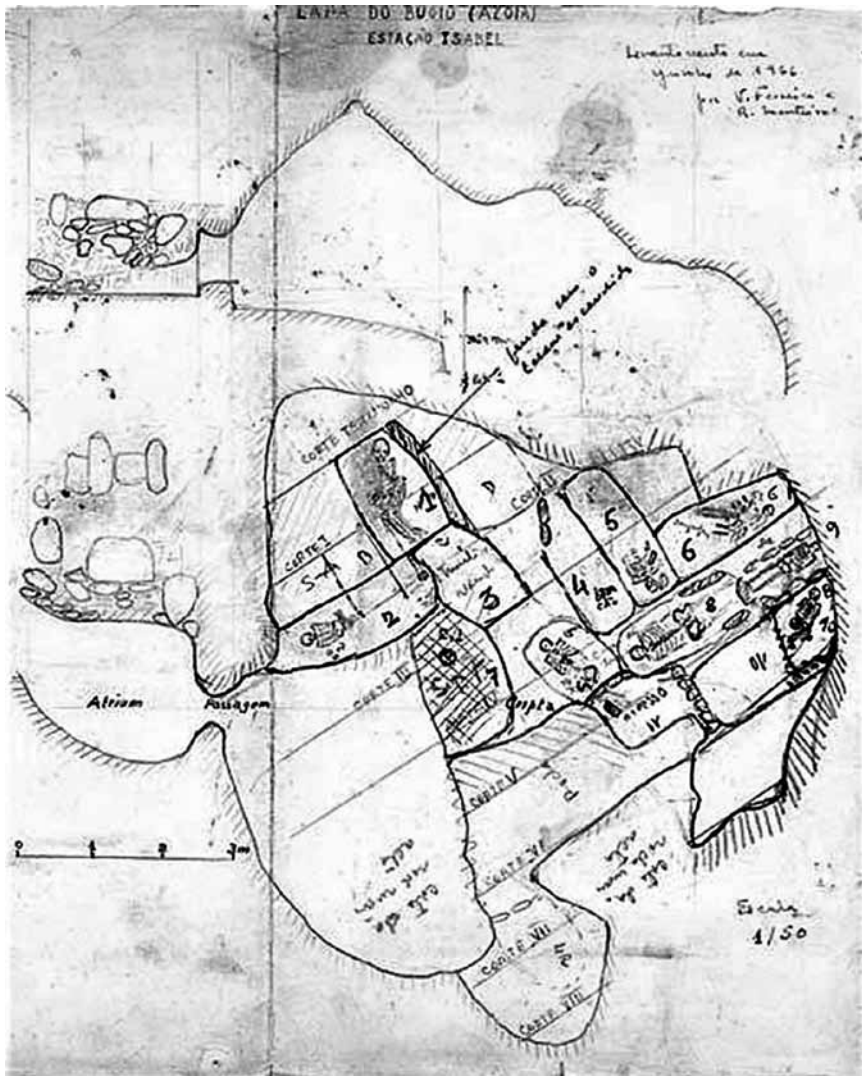


Fig. 7 - Lapa do Bugio. Sepulturas identificadas. Fonte: MONTEIRO R., ZBYSZEWSKI G., VEIGA FERREIRA O. 1971 Nota preliminar sobre a necrópole pré-histórica do Bugio (Azóia - Sesimbra), in Actas e Memórias do II Congresso Nacional de Arqueologia. Coimbra, pp. 107-120

Como os fossetes ou covinhas mais profundos, na face principal e na lateral (Fig. 4), estavam abaixo da superfície, é crível que a posição em que foi encontrado não fosse original, mas correspondesse a um momento posterior em que foi gravada a cruz, como já tinha sido referido por Eduardo da Cunha Serrão. As cerâmicas descobertas, durante a sondagem arqueológica, parecem comprovar a sua colocação em período histórico. Esse posicionamento pode ter servido para cristianizar o lugar, onde foram colocadas as sepulturas no século IV.

Os fossetes ou covinhas são um tema em monumentos Megalíticos e em arte rupestre. Qual o seu significado? A resposta não é fácil, ou mesmo impossível. A cronologia dos fossetes ou covinhas é ampla, pelo que não são indicadores de uma cronologia para o menir.

O contexto da ocupação, em que se encontra o menir do Vale da Palha, pode dar-nos algumas pistas sobre a sua cronologia. Este monumento localiza-se numa área onde há uma ocupação do Neolítico, com sítios como a Fonte do Rio do Olho, a Norte, e o povoado do Neolítico antigo da Roça do Casal do Meio 6, a Sul. Existem ainda outros possíveis menires, como é o caso de um bloco alongado, com cerca de 1 m de comprimento, tombado e fora de contexto geológico. Os sítios referidos distam cerca de 500 m e 1000 m do local onde estava o menir, no Vale da Palha. Este sítio é ligeiramente plano, com uma ligeira elevação, mas que permite uma grande visibilidade na paisagem em 360° (Fig. 6).

Os menires estão bem presentes em contextos do Neolítico antigo, como referiu Manuel Calado para os menires do Alentejo central (CALADO 2004). Este menir está contextualizado com povoados do Neolítico antigo nas proximidades.

Na atualidade o menir do Vale da Palha constitui o único monumento Megalítico, confirmado na região da Arrábida. Em trabalhos de prospeção realizados na maior parte da Arrábida, entre 2007 e 2013, foram localizados outros possíveis monumentos Megalíticos, pedras que estão tombadas e fora de contexto geológico, mas o seu estado de conservação não permite certezas (CALADO *et al.* 2009). Naturalmente, os monumentos Megalíticos marcaram presença na Arrábida, que está rodeada



Fig. 8 - Placa com ídolo Almeriense gravada da Lapa do Bugio. Fonte: MONTEIRO R., ZBYSZEWSKI G., VEIGA FERREIRA O. 1967 Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia), in Revista de Guimarães, 77 (3-4), pp. 323-328



Fig. 9 - Lapa do Bugio Ídolo Cilíndrico, Ídolo Pinha, Ídolo Alcachofra e Placa de Xisto. Fonte: MONTEIRO R., ZBYSZEWSKI G., VEIGA FERREIRA O. 1971 Nota preliminar sobre a necrópole pré-histórica do Bugio (Azóia - Sesimbra), in Actas e Memórias do II Congresso Nacional de Arqueologia. Coimbra, pp. 107-120

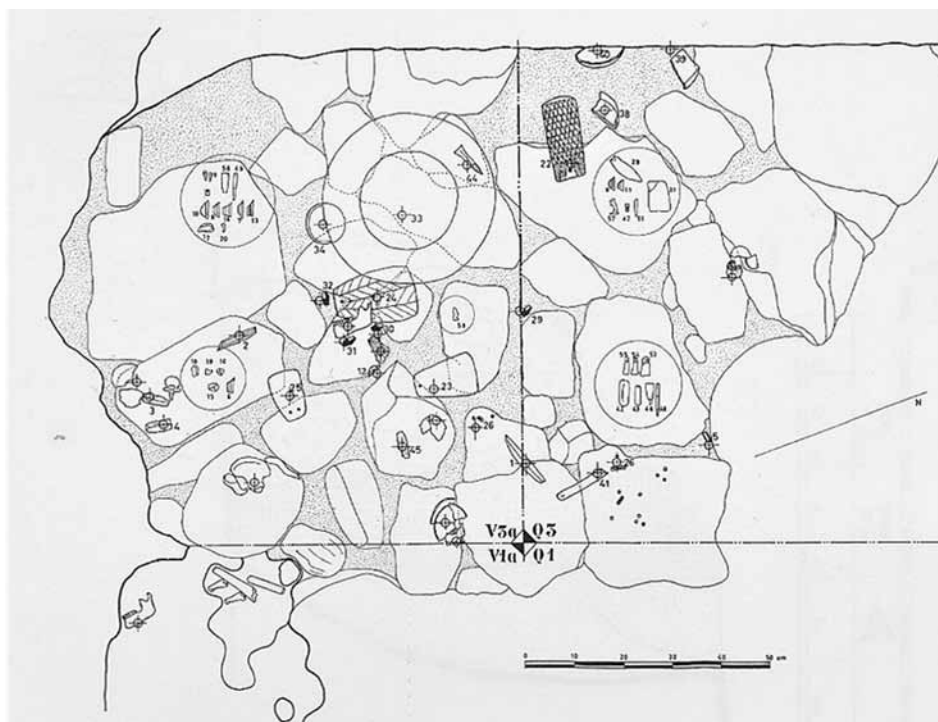


Fig. 10 - Lapa do Fumo, deposição ritual. Fonte: SERRÃO E. C., 1971 Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra), in Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia. Coimbra, pp. 107-120

por territórios onde há Megalitismo. Ao Norte, há a Península de Lisboa, onde se conhece um vasto conjunto de monumentos Megalíticos. À Este, no Alentejo, a partir da região de Montemor-o-Novo, também há um vasto conjunto Megalítico que estende por Évora e Reguengos de Monsaraz.

No entanto, as características, a orografia e a geologia não deixaram de exercer a sua influência nos humanos. Por um lado, a rocha calcária da Arrábida não permite obter grandes blocos de pedra que pudessem ser afeiçoados, de modo a erguer ou construir monumentos Megalíticos. A rocha do menir do Vale da Palha é grés. Por outro lado, a Arrábida apresenta uma orografia com várias serras e picos que se destacam na paisagem. Entre as serras destaca-se a Serra do Risco, que apresenta um perfil humano no seu topo. Esta orografia não passava despercebida aos seus habitantes, tal como hoje não nos deixa indiferentes. Finalmente, as numerosas cavidades cársticas foram espaços que substituíram as necessidades que levaram os humanos a construir antas noutras regiões envolventes.

ARTE MÓVEL DE CONTEXTO MEGALÍTICO

A arte Megalítica é composta de monumentos e um sistema espiritual. Os monumentos correspondem a uma manifestação artística, que é fruto de uma ideologia que reflete a sua expressão artística na arte móvel, que acompanha os

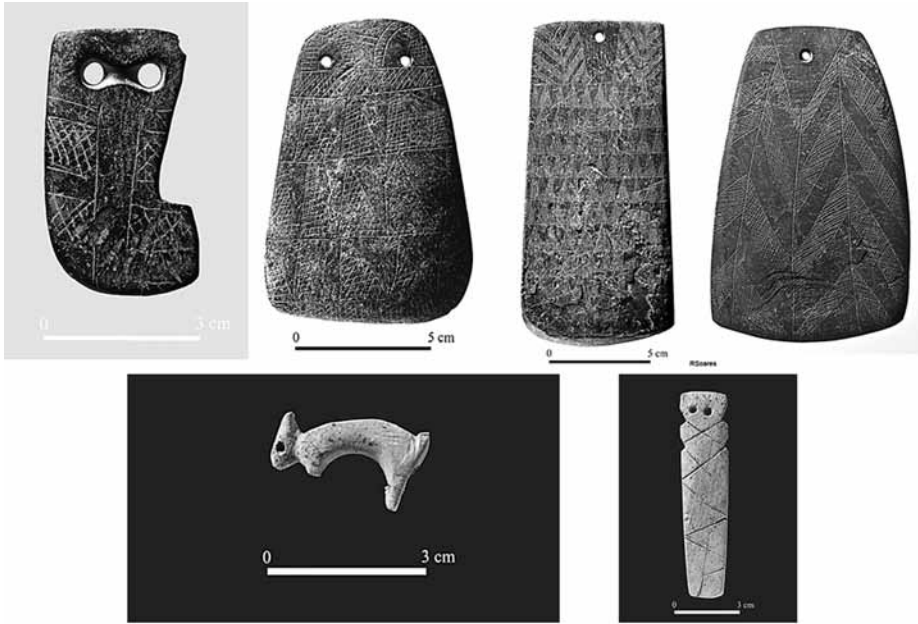


Fig. 11 - Lapa do Fumo, Placas de Xisto e esculturas de coelho e antropomórfica. Fonte: SERRÃO E. C., 1971 Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra), in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, pp. 107-120

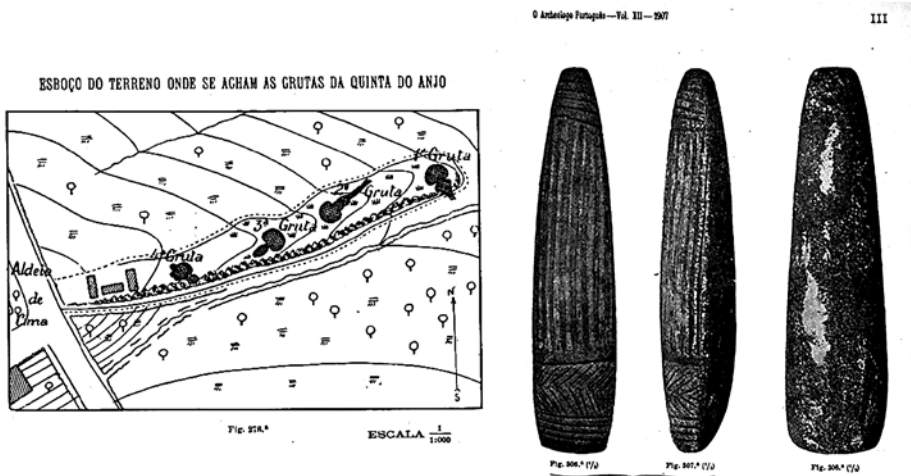


Fig. 12- Grutas artificiais da Quinta do Anjo e ídolos em forma de eclipse. Fonte: MARQUES DA COSTA A. I. 1907 Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Grutas sepulcrais da Quinta do Anjo, in *O Archeologo Português* XII, pp. 206-217



Fig. 13 - Grutas artificiais da Quinta do Anjo, Placas de Xisto. Fonte: SOARES J. 2003 Os hipogeuos Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico. Setúbal, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal, fig. 56, 5 e 6

defuntos. Na Arrábida, a arte móvel megalítica, com uma cronologia do Neolítico final, Calcolítico, corresponde a um vasto e diversificado conjunto de objetos artísticos. Estes, foram encontrados em contextos funerários, na Lapa do Bugio, Lapa do Fumo e Grutas Artificiais da Quinta do Anjo (Fig. 9), e um único caso em contexto de habitat, no povoado do Pedrão.

No caso da Lapa do Bugio (MONTEIRO, ZBYSZEWSKI, VEIGA FERREIRA 1971; CARDOSO 1992) os objectos de arte móvel estão distribuídos em dez sepulturas individuais e um ossário (Fig. 7). O conjunto artístico incluía placas de xisto, entre exemplares inteiros e fragmentos, três fragmentos de ídolos Almerienses, em osso, dez ídolos de Gola, em osso e marfim, dois coelhos geminados, em osso, três exemplares de cilindros em calcário lisos, um exemplar de cilindro em calcário decorado, um cilindro em calcário com uma face plana, duas placas curvas em calcário, um ídolo pinha e um ídolo alcachofra. Quanto à sua distribuição, poucos estão contextualizados nas sepulturas. Na sepultura 3 há dois fragmentos de placas de xisto e um fragmento de ídolo Almeriense. Na sepultura 4 estão dois fragmentos de placas de xisto e um ídolo de Gola. Na sepultura 6 há cinco fragmentos de placas de xisto e dois cilindros lisos em calcário. Na sepultura 7 está um ídolo de Gola e na sepultura 9 encontraram-se nove fragmentos de placas de xisto e um ídolo de Gola. Já na sepultura 10, há dois fragmentos de placas de xisto e uma placa inteira. No ossário encontraram-se: um fragmento de placa de xisto; uma placa inteira, com a gravura de um ídolo Almeriense (MONTEIRO, ZBYSZEWSKI,

VEIGA FERREIRA 1967) (Fig. 8) e um fragmento de ídolo Almeriense. No “esconderrijo” há também um fragmento de placa de xisto, uma placa inteira e três ídolos de Gola. Das limpezas vem a maioria dos materiais. A estes objectos de arte móvel, referidos na bibliografia como de “caracter mágico-simbólico” (Fig. 9), devemos juntar artefactos de uso quotidiano e votivos, em pedra polida, em pedra lascada, cerâmica, decorada e lisa e objectos de adorno pessoal, como elementos de colares e pulseiras. Não nos referimos às cerâmicas decoradas e aos objectos de adorno, por estarem ainda associados a uma funcionalidade objectiva. Nesta gruta não há evidências de rituais.

Na Lapa do Fumo (SERRÃO 1971), como já se referiu anteriormente, houve um ritual com segundas deposições. Evidencia-se a colocação de uma camada com pedras calcárias lisas nas quais se colocaram ossadas de segunda deposição (Fig. 10). Foram ainda depositados os artefactos quotidianos (como micrólitos trapezoidais e lâminas de sílex), elementos ornamentais (como colares com contas discoides de calcário e de ardósia, bicónicas e de lenhite), e arte móvel (com placas de xisto, uma escultura zoomórfica de um coelho, pequenos ossos de coelho e outros artefactos em osso e pedra) (Fig. 11). Finalmente, foi colocado ocre vermelho e houve uso de fogo ritual.

As grutas artificiais da Quinta do Anjo (CARTAILHAC 1886; VASCONCELOS 1897; MARQUES DA COSTA 1907; LEISNER, ZBYSZEWSKI, VEIGA FERREIRA 1961; SOARES 2003; MARTINS 2011), são constituídas por quatro grutas (Fig. 12). O seu espólio artístico é constituído por dois ídolos em elipse (Fig. 12) e quinze placas de xisto (Fig. 13), entre exemplares inteiros e fragmentos, e um ídolo cilíndrico em mármore fragmentado. Os dois ídolos em elipse são em mármore branco, representando clavas, como as definiu Inácio Marques da Costa. Têm a forma de elipse, sendo que um exemplar tem o topo mais pontiagudo e a base mais plana e, o outro exemplar, tem os topos mais arredondados. Numa das faces de cada um dos exemplares, há gravações repartidas em quatro bandas. Na primeira banda há linhas oblíquas, na segunda banda linhas verticais, sendo a mais comprida, a que ocupa cerca de metade das superfícies. Na terceira banda, as listas são em espinha e na quarta banda as linhas são horizontais. Na face oposta, a superfície é lisa.

Trata-se de um grupo de esculturas enquadráveis nos horizontes do Megalitismo na península de Lisboa, no Alentejo e mesmo no Sudoeste da Península Ibérica. Apresentam uma tipologia variada de esculturas onde se consideram as placas de xisto, os ídolos Almerienses (em osso), os ídolos de gola (em calcário), os ídolos cilíndricos (em calcário), os ídolos em elipse, os ídolos pinha e os ídolos alcachofra (em mármore) e as esculturas zoomórficas representando coelhos (em osso). São esculturas de pequeno formato onde existe uma grande diversidade de materiais: o xisto, o calcário, o mármore e o osso. Alguns materiais podem ser locais, como o caso do osso, mas os restantes materiais são externos à Arrábida. A sua identificação nestes sítios da Arrábida pressupõe uma importação, um comércio, que abrangia uma extensa região no Sudoeste da Península Ibérica. A espiritualidade Megalítica levava à procura e aquisição destas esculturas.

As esculturas mais representadas, com cento e um exemplares, são as placas de xisto. Na Lapa do Bugio foram encontrados setenta e oito exemplares. Na Lapa do Fumo localizaram-se sete exemplares. Nas grutas artificiais da Quinta do Anjo,

exumaram-se quinze placas de xisto e no Povoado do Pedrão, um exemplar.

As placas de xisto apresentam uma geografia de distribuição no Sudoeste da Península Ibérica. São conhecidas cerca de 1100 placas localizadas em cerca de 210 sítios, considerando antas, grutas naturais, grutas artificiais e lugares de habitat. Uma característica deste universo tão amplo de placas de xisto e mesmo de grés é o facto de não existirem duas placas idênticas, associando forma e decoração interna. As formas predominantes são a trapeziforme e a retangular. As placas têm uma média de 16 cm de altura. Algumas possuem uma estrutura bipartida. Existem placas que possuem decorações nas duas faces. A sua decoração tem uma matriz geométrica, com bandas, triângulos, zigzagues e xadrez de repetições. Enquadram-se num contexto de geometrização da arte e de decorativismo das superfícies, que dominou na arte do continente europeu, desde o Mesolítico até há emergência da arte do realismo grego. As placas de xisto têm sido objeto de estudo, mas ainda existe um caminho de exploração muito amplo através do estabelecimento de relações entre as questões artísticas/iconográfica, os contextos, a localização, a cronologia, a relação com artefactos e iconografia, ainda os contextos geográficos regionais, onde não existem estes artefactos e comparações etnoarqueológicas. Estas placas surgem em contextos Megalíticos, portanto associadas a uma espiritualidade concreta. Apresentam formas antropomórficas estilizadas, algumas através dos desenhos, outras através das formas e ainda, um grupo de placas através dos desenhos e formas. O seu número é muito superior a outras esculturas já descritas anteriormente. As placas de xisto foram interpretadas como “deusas-mãe” e escondem o seu lugar no pensamento das populações. Talvez uma designação simplista, para objetos cujas respostas deviam ser mais complexas, surgida em contextos científicos ainda simplistas. Mais recentemente, foram consideradas outras hipóteses como sendo identificadores heráldicos-étnicos (LISBOA 1985; BUENO RAMIREZ 1992). Também foi desenvolvida a hipótese por Lillios “de que o número de registos nas placas registou a distância geracional entre o falecido e um antepassado importante, sendo o elo de ligação entre clã / linhagem de uma pessoa” (LILLIOS 2002; 2003; 2008a; 2008b). Estas hipóteses mais recentes estabelecem, para as placas, uma função heráldica.

Estas hipóteses valorizam a questão da afirmação de linhagens de indivíduos, tendo em conta a organização social do mediterrâneo oriental, com a afirmação de sociedades complexas. Neste contexto do ocidente, refere-se que ainda estávamos perante sociedades comunitárias que se refletiam nos enterramentos comunitários, contrapondo-se aos enterramentos individuais da Idade do Bronze. Na Arrábida, por exemplo, são pouquíssimos indivíduos nos três monumentos funerários, em relação às dezenas de gerações do Neolítico/Calcolítico. Onde estariam os outros indivíduos? Se as placas estão associadas a linhagens de clãs ou de indivíduos, deviam ser conhecidas mais placas de xisto.

As placas de xisto têm ainda um fator único que é o fato de se conhecer o seu local de produção, ou um dos seus locais de produção. Trata-se do sítio das Águas Frias, na esquerda do rio Guadiana, o que constituiu um fator importante, por se tratar da descoberta de uma oficina de produção de artefactos artísticos na pré-história. A sua produção era em série. Primeiro obtinha-se a forma, depois era polida e finalmente era feita a gravação. Eram executadas em série e estavam

separadas de acordo com o seu estado de execução, não tendo sido descobertas placas com a execução final concluída.

A busca da espiritualidade por detrás das placas de xisto estende-se às outras esculturas referidas que surgem na Arrábida. A simplicidade das formas, com o esquematismo da figuração de formas naturais, está bem patente. Representam a vida? Acompanham os defuntos e com os monumentos remetem para uma “teologia”. Parece que fatores como os ciclos do Sol e da Lua relacionados com a morte e a renovação da natureza, transportada para os humanos, a fertilidade, humana e da natureza, são conceitos para uma análise mais profunda desta arte móvel do período Neolítico/Calcolítico. Também existem os rituais imateriais, de artes performativas, como a dança, associadas a pinturas corporais, as quais podiam ter reflexo nas placas de xisto.

UMA SÍNTESE SOBRE O MEGALITISMO NA ARRÁBIDA

Chegados a este ponto, é o momento de perguntar: o que temos de Megalitismo na Arrábida? No Mesolítico, a Arrábida estava situada entre os concheiros do Rio Tejo e do Rio Sado. Na costa ocidental da Arrábida, em menor número, no seio da Arrábida e na sua costa sul, há notícias sítios de habitat deste período. Os concheiros constituíram as primeiras estruturas artísticas, no sentido em que a sua construção teve como motivação a espiritualidade destes grupos humanos, ligada aos rituais funerários. A Arrábida não fez parte deste processo, dado que nas suas proximidades ainda não foram identificados vestígios de concheiros.

A espiritualidade do Megalitismo, a partir do Neolítico, marcou-se na Arrábida. A própria natureza da Arrábida, com a sua imponência na paisagem da região envolvente, a sua geologia, a orografia e a proximidade ao oceano configuraram um convite aos sentimentos e rituais que nos escapam. No entanto, a construção de monumentos deixou, aparentemente, poucos vestígios. É conhecido o menir do Vale da Palha. Durante trabalhos de prospeção arqueológica, foram identificados possíveis menires. Existe a notícia da anta da Azóia. Por outro lado, os rituais funerários da espiritualidade megalítica estão bem presentes em grutas naturais, das quais as mais conhecidas são a Lapa do Bugio e a Lapa do Fumo, e nas grutas artificiais da Quinta do Anjo.

Os monumentos e a cultura material, provenientes dos contextos funerários das grutas, onde se destaca a arte móvel, são manifestações de uma espiritualidade, onde a paisagem também foi um fator interveniente. No Megalitismo, a visão diacrónica é importante para tentar entender as transformações ideológicas que se refletem nas manifestações artísticas.

No que se refere aos monumentos megalíticos na Arrábida, o menir do Vale da Palha é o mais significativo. Apresenta um conjunto de fossetes ou covinhas. Este tema é recorrente em monumentos megalíticos e em arte rupestre (HENRIQUE *et al.* 1995; CALADO 2004; GOMES 2010; ABREU 2012) e possui uma grande amplitude cronológica. O seu significado não é fácil, talvez impossível de determinar, mas colocar hipóteses razoáveis faz parte do processo científico. A sociedade que erigiu este monumento é de agricultores-pastores, populações que vivem da produção de alimentos que dependem dos ciclos anuais, marcados pelo Sol e pela Lua (HOSKIN 2008; SILVA 2011). Uma hipótese é que os fossetes ou covinhas talvez possam corresponder a representações da Lua (?) ou do Sol (?), se bem que para

esta última hipótese, faltem os raios solares. Todos os anos a natureza morria no inverno e renascia na primavera, de acordo com os ciclos destes dois astros. Também os homens morriam, como a natureza, e podiam renascer. Vários autores chamaram a atenção para o facto de os menires começarem por ser símbolos antropomórficos e de corresponderem a uma extrema simplificação da figura humana (CALADO 2000). Como Manuel Calado ressalta “menires alentejanos, em particular, exprimem, de uma forma muito minimalista, mas eficaz, a anatomia do corpo humano: a extremidade distal arredondada, sugerindo a cabeça” (CALADO 2000). No menir do Vale da Palha temos igualmente uma extremidade superior bem redonda, podendo sugerir uma cabeça. Espaços de memória dos defuntos que marcaram a sua comunidade, portanto projeções físicas de personagens que se distinguiram na memória da comunidade. Aby Warburg afirmou que “a memória não apenas cria espaço para o pensamento como reforça os dois polos-limites da atitude psíquica: a serena contemplação e o abandono orgiástico” (WARBURG 1937). Os espaços de memória eram, naturalmente, espaços de cenografia e teatralidade comunitárias bem presentes no Megalitismo (BUENO RAMIREZ, BALBÍN BEHRMANN 2008). O lugar de implantação do menir do Vale da Palha é compreensível ao olhar, quando chegamos ao lugar, com a Serra do Formosinho, de 499 m de altitude à Este, e a Serra do Risco, com 380 metros ao Sul, com seus recortes geológicos que lembram o perfil de uma cabeça humana. O menir envolvido por esta paisagem natural destacava-se com maior conotação simbólica. Tinha um provável valor de totem, em paisagem relativamente plana, numa Arrábida marcada por elevações, onde o calcário branco deixa grande impacto visual na paisagem. Era um espaço de encontros para a comunidade, onde podiam estar presentes as memórias de personagens de referência para a comunidade. Através de seus ritos, poderiam pedir a interceção para que o ciclo natural da vida e da morte da natureza e dos homens não se interrompesse. Como se referiu na introdução, citando António Damásio, “a arte teve valor para a sobrevivência” (DAMÁSIO 2010). Esta sobrevivência deve ser entendida no seu duplo significado, da sobrevivência quotidiana e da sobrevivência após a morte. Isto porque os humanos, através da consciência, necessitaram de lutar por esta dupla sobrevivência, desde os primórdios do cérebro consciente. Foi o processo de vencer o medo. O Megalitismo foi uma dessas etapas.

A arte móvel do período Megalítico configura a necessidade do transporte do transcendente na viagem após a morte. Por todo o Mediterrâneo se conhece uma abundante iconografia que, na sua essência, não é naturalista nem realista, mas esquemática e geométrica. Por naturalismo, entende-se a arte que procura imitar a natureza e o realismo procura apurar, ao máximo, a imitação da natureza. Compreende-se que o esquemático procura representar objetos reais com traços simplificados e simbólicos. Com o geometrismo, verifica-se a utilização de estruturas geométricas, criando-se imagens orgânicas e não orgânicas. Mesmo as formas não orgânicas, podem ter uma origem em elementos orgânicos simplificados, observados pelos humanos.

Esta arte móvel respondia a uma necessidade social intensa. Em Jericó, cerca de 7300 a.C., observou-se que os crânios eram exumados e aplicava-se um revestimento de gesso, para modelar feições individuais, utilizando ainda conchais nos olhos, para aumentar o realismo. Esta prática reflete o culto aos antepassados.

dos e consequentemente a presença da memória. A evolução desta prática foi a modelação de esculturas de cabeças, imitando as anteriores, onde nos olhos se continuava a utilizar as conchas. Esta prática funerária e artística coincide com desenvolvimento de uma economia agro-pastoril. Foi ainda a base de imagens esquemáticas onde se aplicavam formas geométricas (LEWIS-WILLIAMS, PEARCE 2005).

No outro lado do mundo, no Brasil, quando olhamos para a arte dos povos indígenas e, particularmente, para os esquemas geométricos e para a arte pintada no corpo, existem duas situações que importa referir. A primeira é que as formas geométricas têm por base formas naturais com significado narrativo, ligado a animais ou plantas. Pode mesmo significar uma planta ou um animal que se coma, ou um animal perigoso, utilizando-se partes desse animal para criar um esquema geométrico, por exemplo, os dentes de um jacaré, ou os rastos que deixam na paisagem, como por exemplo os rastos deixados por uma serpente sobre a terra. Por outro lado, as pinturas corporais utilizam estes esquemas geométricos, também para distinguir homem ou mulher, a idade e, consequentemente, a posição social no grupo. Existem ainda as pinturas utilizadas em momentos cerimoniais (VIDAL 1992; ZANNONI 2002; VELTHEM 2003).

O seu simbolismo está ligado às qualidades do animal ou da planta. Estes atributos seriam de abundância, de valentia, de chuva, de capacidade defensiva e ofensiva, de sobrevivência, de lutar, entre outras. Eram ainda o Sol e a Lua. Eram as suas qualidades e entidades que se queriam possuir. Na Namíbia para o Povo Sam, a representação de uma girafa pressupõe água e de uma serpente pressupõe seca (ALMA 2016).

Estamos constantemente na busca para o significado da arte móvel do mundo mediterrânico e europeu (GUILAINE 1994). Tratava-se de cultos de sobrevivência quotidiana e de sobrevivência após a morte (GIMBUTAS 1989). Os dois cultos sobrepunham-se. O contexto natural oferecia os símbolos, quer em terra, quer no céu. Há símbolos geométricos que parecem ter atravessado o Mediterrâneo, por exemplo, o triângulo como símbolo feminino. Os povos utilizaram os materiais locais ou da região ampla, a cerca de 200 km, para executar as imagens.

A Arrábida foi e é o espaço que convida à espiritualidade (GONÇALVES 2016). A sua implantação geográfica sobre o imenso oceano e a sua orografia foram um apelo à dimensão espiritual que atravessou milénios. Na Arrábida, a arte móvel do Megalitismo está bem presente em três sítios, já escavados. É uma arte que, por um lado, se enquadra em parâmetros estéticos do mundo mediterrânico e europeu, e por outro lado, está nos contextos da arte encontrada em antas e monumentos de falsa cúpula, no Sudoeste da Península Ibérica. É uma arte móvel esquemática e geométrica. Surge associada a enterramentos que parecem ter sido muito especiais. Não estamos perante sociedades comunitárias com enterramentos coletivos, mas estamos diante deposição de personagens, ou de famílias, que se destacavam na comunidade. Afinal, trata-se de pouca gente sepultada em tantos séculos, para tanta gente que existiu nesse período de tempo.

A arte móvel podia significar atributos necessários para prosperar numa outra viagem. Não se fala de deuses, mas cada imagem tinha uma narrativa que a acompanhava. A diversificação de formas podia corresponder a diferentes narrativas e, talvez, a diferentes atributos. Era ainda uma ligação entre o plano da

terra e do céu, onde estava o Sol e a Lua, e exemplo disso são os círculos radiais que representam o Sol.

Na Arrábida, a arte Megalítica, através das suas expressões de monumentos e de arte móvel, mas ainda de enquadramento natural, deixa-nos muitas pistas. Ao longo deste texto procuramos, essencialmente, deixar questões, olhar para o Megalitismo como uma expressão artística que reflete um complexo espiritual e que, ainda, estamos longe de determinar.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU M. S.
2012 *Rock Art in Portugal. History, methodology and traditions*, Vila Real, tese de doutoramento apresentada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- 2016 *A "vénus" Paleolítica da Toca do Pai Lopes*, in GONÇALVES L.J., CALADO M., FRANCISCO R., QUERIDO R., SOARES R., CÂNDIDO M. J. (eds.), **** *No Tempo das Grutas - Carta Arqueológica e Espeleológica da Arrábida* (Concelho de Setúbal), Lisboa, Câmara Municipal de Setúbal, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, pp. 119-122.
- ALMA M. N.
2016 *Rock Art and Landscape: an empirical analysis in the content, context and distribution of the rock art site in Omandumba east and west farms, Erongo Region, Namibia*, Vila Real, tese de doutoramento apresentada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- BOAVENTURA R.
2010 *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*, tese de doutoramento apresentada na Universidade de Lisboa.
- BUENO RAMÍREZ P.
1992 *Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse*, in «L'Anthropologie 96» (2-3), pp. 573-604.
- BUENO RAMÍREZ P., BALBÍN BEHRMANN R.
2008 *Dioses y antepasados que salen de las piedras*, in «PH 67», Especial Monográfico, Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, pp. 47-61.
- CAETANO P., COSTA C., ROCHA M., BRISSOS J., SANCHES A.
2016 *Geologia no Apoio à Investigação Arqueológica - Uma Carta Litológica para o Concelho de Setúbal*, in GONÇALVES L.J., CALADO M., FRANCISCO R., QUERIDO R., SOARES R., CÂNDIDO M. J. (eds.) **** *No Tempo das Grutas - Carta Arqueológica e Espeleológica da Arrábida* (Concelho de Setúbal), Lisboa, Câmara Municipal de Setúbal, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, pp. 65-82.
- CALADO M.
1993 *O monumento da Roça do Casal do Meio*, in MEDINA J., GONÇALVES V. S. (eds.), *História de Portugal*, Lisboa, Ediclube, 1, pp. 353-356.
- 2004 *Menires do Alentejo Central*, Lisboa, tese de doutoramento apresentada na Universidade de Lisboa.
- CALADO M., GONÇALVES L.J., FRANCISCO R., ALVIM P., ROCHA L., FERNANDES R.
2009 *O Tempo do Risco - Carta Arqueológica de Sesimbra*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes.
- CARDOSO J.L.
1992 *A Lapa do Bugio*, in «Setúbal Arqueológica» IX-X, Setúbal, Assembleia Municipal de Setúbal, pp. 89-225.
- CARDOSO J.C., CUNHA A.S.
1995 *A Lapa da Furada (Sesimbra), Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO J. L.
2000 *Na Arrábida, do Neolítico antigo ao Bronze final*, in Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 14), pp. 45-70.
- 2007 *Pré-história de Portugal*, Lisboa, Verbo.
- CARTAILHAC M.E.
1886 *Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, C. H. Reinwald.
- CAUVIN J.
1997 *Nascimento das divindades, nascimento da agricultura: a revolução dos símbolos Neolíticos*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DAMÁSIO A.
2010 *O livro da consciência: a construção do cérebro consciente*, Lisboa, Temas e Debates.

- GIMBUTAS M.
1989 *The language of the goddess*, New York, Thames & Hudson.
- GOMES M. V.
1979 *Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs*, in «III VCS, Arte Preistorica e Religioni», Ponte di Legno, 27 luglio-4 agosto.
- 2010 *Arte Rupestre do Vale do Tejo um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-Histórico*, tese de doutoramento apresentada na Universidade Nova de Lisboa.
- GONÇALVES L.J., CALADO M., FRANCISCO R., QUERIDO R., SOARES R., CÂNDIDO M.J.
2016 *No Tempo das Grutas - Carta Arqueológica e Espeleológica da Arrábida (Concelho de Setúbal)*, Lisboa, Câmara Municipal de Setúbal, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes.
- GONÇALVES L.J.
2016 *Arrábida: Santuário de muitas Culturas no Tempo*, in «Santuários» 6, pp. 91-98.
- GONÇALVES V.S.
1992 *Revedo as antas de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, UNIARQ.
1995 *Sítios, "Horizontes" e Artefactos: Leituras Críticas de Realidades Perdidas*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- GUILAINE J.
1994 *La mer partagée. La méditerranée avant l'écriture, 7000-2000 avant Jésus-Christ*, Paris, Hachette.
- HARRISON R.J.
2007 *A revision of the late Bronze Age: burials from the Roça do Casal do Meio (Calhariz), Portugal*, in *Beyond Stonehenge: Essays on the Bronze Age in honour of Colin Burgess*, Oxford, Oxbow Books.
- HENRIQUES F., CANINAS J. C., CHAMBINO M.
1995 *Rochas com covinhas na região do Alto Tejo português*, in *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Península*, Porto, Sociedade portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 1-15.
- HOSKIN M.
2001 *Tombs, temples and their orientations: a new perspective on Mediterranean Prehistory*, Sussex, Ocarina Books.
- 2008 *El estudio científico de los megalitos (3). La arqueoastronomía*, in «PH 67», Especial Monográfico, Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, pp. 84-91.
- LEWIS-WILLIAMS D., PEARCE D.
2005 *Inside the Neolithic mind. Consciousness, cosmos and the realm of the Gods*, London, Thames and Hudson.
- LEISNER V., ZBYSZEWSKI G., VEIGA FERREIRA O.
1961 *Les grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*, in «Serviços Geológicos de Portugal» (Memória n.º 8 - NS), Lisboa.
- LEISNER G., LEISNER V.
1985 *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Instituto da Alta Cultura (UNIARQ/INIC).
- LILLIOS K.T.
2002 *Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia*, in «Revista Portuguesa de Arqueologia» 5(2), pp. 135-151.
- 2003 *Creating memory in prehistory: the engraved slate plaques of southwest Iberia*, in ALCOCK S., VAN DYKE R. (eds.), *Archaeologies of Memory*, Oxford, Blackwell, pp. 129-150.
- 2008a *Heraldry for the dead: memory, identity, and the engraved stone of Neolithic Iberia*, Austin, University of Texas Tress.
- 2008b *La memoria, la Diosa Madre y los ídolos placas de la Iberia neolítica*, in «PH 67», Especial Monográfico, Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, pp. 32-67.
- LISBOA I.M.G.
1985 *Meaning and messages: mapping style in the Iberian Chalcolithic*, in «Archaeological Review from Cambridge» 4(2), pp. 181-196.
- MARQUES DA COSTA A.I.
1907 *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Grutas sepulcrais da Quinta do Anjo*, in «O Archeologo Português XII», pp. 206-217; pp. 320-338.
- MENDES P.N.M.
2011 *A necrópole da Quinta do Anjo (Palmela): uma abordagem geoarqueológica das grutas artificiais 3 e 4*, Lisboa, tese de mestrado apresentada na Universidade de Lisboa.
- MONTEIRO R., ZBYSZEWSKI G., VEIGA FERREIRA O.
1967 *Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia)*, in «Revista de Guimarães» 77, (3-4), pp. 323-328.
- 1971 *Nota preliminar sobre a necrópole pré-histórica do Bugio (Azóia - Sesimbra)*, in *Actas e Memórias do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 107-120.
- RIBEIRO O.
1986 *Arrábida. Esboço geográfico*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.
- SAAD M., MASIERO D., BATTISTELLA L.R.
2001 *Espiritualidade baseada em evidências*, in *Acta Fisiátrica* 8(3), pp. 107-112.
- SANTOS M. F.
1985 *Pré-história de Portugal*, Lisboa, Verbo.
- SAVORY H. N.
1985 *Espanha e Portugal*, Lisboa, Verbo.
- SCARR C.
2008 *Nuevos enfoques para el estudio de los monumentos megalíticos de Europa Occidental*, in «PH 67», Especial Monográfico, Boletín del

- Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, pp. 12-23.
- SCHILLER F.
1795 Über die ästhetische Erziehung des Menschen (Cartas sobre a Educação Estética do Homem, carta IX).
- SERRÃO E.C.
1971 *Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra)*, in Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, pp. 107-120.
1973 *Carta arqueológica do Concelho de Sesimbra (desde o Paleolítico antigo até 1200 d. C.)* Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.
1974a *O Paleolítico do Concelho de Sesimbra – uma síntese*, in «Estudos Arqueológicos I», 1968-1971, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, pp. 17-32.
1974b *A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz)*, in «Estudos Arqueológicos I», 1968-1971, Lisboa, Junta Distrital de Setúbal, pp. 129-153.
1974c *Uma carta do Dr. Hernâni de Barros Bernardo*, in «Estudos Arqueológicos I», 1968-1971, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, pp. 229-236.
1994 *Carta arqueológica do Concelho de Sesimbra (do Vilafranquiano Médio até 1200 d. C.)*, Setúbal, Câmara Municipal de Sesimbra.
- SERRÃO E.C., SERRÃO V.
1986 *Sesimbra monumental e artística*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.
- SILVA C.T., SOARES J.
1986 *Arqueologia da Arrábida*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Coleção Parques Naturais, 15).
- SILVA C.M.
2010 *Neolithic Cosmology: The Equinox and the Spring Full Moon*, in «The Journal of Cosmology» 9, pp. 2207-2216.
- SOARES J.
2003 *Os hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*, Setúbal, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ Assembleia Distrital de Setúbal.
- SOARES R.
2012 *A Arrábida no bronze final: a paisagem e o homem*, Lisboa, tese de mestrado apresentada na Universidade de Lisboa.
- SPINDLER K., VEIGA FERREIRA O.
1973 *Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roca do Casal do Meio in Portugal*, in «Madrider Mitteilungen» 14.
SPINDLER K., CASTELLO BRANCO A., BARROS A., ZBYSEWSKI G., VEIGA FERREIRA O.
1973-1974 *Le Monument à couple de l'âge du bronze final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz)*, in «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», tomo LVII, Lisboa.
- VASCONCELOS J.L.
1897 *Religiões da Lusiânia*, 1, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VEIGA FERREIRA O., LEITÃO M.
1985 *Portugal Pré-histórico e seu enquadramento no Mediterrâneo*, Lisboa, Europa-América.
- VELTHEM L.H.
2003 *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*, Lisboa, Assírio e Alvin.
- VIDAL L.
1992 *Grafismo indígena. Estudos de antropologia estética*, São Paulo, Fapesp.
- WARBURG A.
1937 *Mnemosyne*, in BARTHOLOMEU C. (org.) *Dossiê Warburg*; <<https://pt.scribd.com/document/349692964/WARBURG-dossie-Cezar-Bartholomeu-Aby-Warburg-pdf>> [junho 2017].
- ZANONI C.
2002 *Mito e Sociedade Tenetehara*, São Paulo, tese de doutoramento defendida na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.